

A MEMÓRIA DA NATUREZA NA OBRA DE MERCEDES LACHMANN

Domi Valansi



Área de Emergência, Casco da embarcação Benção de Deus VIII sobre banco de areia, Mostra Rio Esculturas Monumentais, de maio a agosto 2014, Praça Paris, Glória, RJ

Foto: Reprodução / Site da artista



Boca, Sacos plásticos, água, tubos de aço, Displacement RIO
Foto: Reprodução / Site da artista

A partir de elementos do passado e da cidade do Rio de Janeiro, o trabalho de Mercedes Lachmann aborda questões contemporâneas, como as transformações urbanas, a emergência da preservação do meio ambiente e as sabedorias originárias e ancestrais.

Seu ateliê fica localizado no bairro de São Cristóvão, onde havia uma aldeia indígena dos tamoios. Em 1568, Mem de Sá cedeu uma sesmaria na região aos padres da Companhia de Jesus. Em 1627, os jesuítas construíram, num trecho junto ao litoral, uma capela dedicada a São Cristóvão que deu nome à praia e à região toda. Em 1924, o aterro da Praia de São Cristóvão e o prolongamento do cais do porto até o Caju tiraram o litoral do bairro.

O apagamento do mar em tantos pontos da cidade é tema de uma das obras mais icônicas de Mercedes Lachmann: *“Área de Emergência”*, um barco naufragado de 10 metros de comprimento, pesando duas toneladas, sobre 40 toneladas de areia, que participou

da coletiva *“Primeira mostra de esculturas monumentais”*, que ocupou a Praça Paris, sob curadoria de Paulo Branquinho.

“A Praça Paris é muito importante na minha infância, porque meus avós moravam ali perto, e ao passar por lá acendia minha imaginação. O lugar era mar, suas águas foram aterradas, então a minha ideia foi trazer essa memória de volta, corrompendo o espaço, levando um barco naufragado para o chão de terra. Intervir no destino de fim de ciclo e propor um resgate pela arte. O barco foi a lembrança do mar, um fantasma, uma denúncia, um playground, e todos os demais significados que a instalação envolvia: o renascimento, o resgate da minha história pessoal, mas também de uma história coletiva”, conta a artista.

O longo processo de criação da obra começou em um estaleiro na Ilha da Conceição, em Niterói, onde o dono de uma espécie de ferro-velho marinho prometeu à artista um barco. Chamado *“Benção de Deus”*, a em-

barcação apareceu realmente como um milagre de renascimento. Rebocado até um terreno baldio, ele foi limpo e restaurado ao longo de quatro meses em parceria com o amigo e artista Marcos Duarte.

Depois da mostra na Praça Paris, o trabalho foi vencedor do edital “Arte na Rua” e foi instalado de outra maneira no Campo de São Bento, em Icaraí. O barco ficou parcialmente enterrado, e a instalação ganhou o nome de ‘*águas escondidas*’, significado de Niterói em tupi guarani.

Tantos mares depois, Mercedes Lachmann decide então esculpir com a água. A primeira etapa, com plástico, se mostra uma controvérsia, já que se trata de um grande poluidor. “Foi de extrema importância para a minha pesquisa compreender questões urgentes como o colapso climático, os deslocamentos urbanos e o lixo”.

Em 2017 deixou o plástico, e começou a usar o vidro plano, depois as ampolas, e aos poucos a artista construiu um alfabeto de formas com vidro, operando questões como o peso, instabilidade, translucidez, transparência, evaporação, contaminação, proliferação. Na investigação da água, ela chega às árvores, sob influência de obras como o livro do engenheiro florestal alemão Peter Wohlleben. “A vida secreta das árvores” traz descobertas científicas sobre como as árvores se comunicam, guardam memórias, mantêm relações, defendem-se e competem com outras espécies. “A principal solução para os problemas hídricos é plantar árvores”. Então sua produção começa a ganhar contornos mais ecológicos.



Manto, sisal, Parque Lage

Foto: Divulgação

O FUTURO É ANCESTRAL

São Cristóvão, onde Mercedes Lachmann trabalha diariamente, tem todo um passado indígena que não é lembrado nem no Guia das APACs (Área de Proteção Ambiental e Cultural) da prefeitura do Rio, que conta a história do bairro apenas a partir da ação de colo-

nizadores. Mas a recuperação desse passado ancestral aparece em sua trajetória quando, em 2018, a artista passa uma semana na Amazônia, na tribo do povo Yawanawá, no Acre.

“Eu já tinha visitado cidades amazônicas como Manaus, Belém do Pará e o Amapá, mas nunca havia adentrado a floresta amazônica, nunca havia visto aquela dimensão florestal! É emocionante, uma experiência inesquecível, e que recomendo para quem ainda não foi. Passar tempo em contato na Floresta, equivale a introduzir seu corpo em uma outra realidade, governado por leis diferentes de tempo e espaço. A complexidade de relações inter-espécie que acontecem ali tem relação ao que entendemos do universo profundo. Passar tempo em uma tribo indígena na Amazônia foi um marco na minha vida! Pude compreender com todo o meu ser a preciosidade que é essa floresta, como os povos originários a cultivam e defendem há milênios, e a ameaça que ela vem sofrendo há mais de 50 anos no Brasil. Precisamos voltar nossa atenção e interesse para a maior floresta do mundo, que ainda resiste em pé, e

saber valorizar e cuidar dessa imensa riqueza, que habita em nosso país.”

No mesmo ano, conheceu a erveira Patrícia Carvalho, com quem começou a estudar as ervas medicinais e aromáticas. Em 2019, participou do 2º Encontro Selvagem, entidade que aborda aprendizagens, práticas e percursos que articulam memórias e saberes indígenas e não indígenas, tradicionais, científicos, acadêmicos, artísticos e de outras espécies. Passou a ter contato com as ideias da indígena ativista peruana Ketty Lopez, o ativista Ailton Krenak, o filósofo Emanuelle Coccia, a etnobotânica Vera Fróes, o antropólogo Jeremy Narby, entre outros.

“Ao conhecer o pensamento desses diversos autores, fui me aproximando das plantas, de suas propriedades. Comecei a cultivar algumas espécies, observar seu desenvolvimento, preparar minhas primeiras tinturas, experimentar seus benefícios em mim. As plantas são muito poderosas, são seres vivos sensíveis e inteligentes como todos os demais. É preciso descolonizar nosso

Série Arraste, Madeira e vidro soprado

Foto: Reprodução / Site da artista



pensamento sobre a natureza e aprender que todos os seres que vivem ao nosso redor são Natureza, assim como nós”.

As árvores, plantas e seus componentes passam a ser parte fundamental de sua produção. Vestiu uma figueira centenária caída no Parque Lage com um manto de sisal e ao encontrá-la caída, em 2021, coletou cinco partes de seu tronco para fazer trabalhos em sua homenagem. *“Descobri que a figueira é uma árvore sagrada do candomblé e que a vestimenta em sisal era uma espécie de trabalho para Iroco, um orixá do candomblé Queto, que representa a ancestralidade e rege o tempo”.*

Em outra ação, fez uma performance gravada em vídeo onde escreveu *BRAZILL* no tronco da figueira, reforçando a ideia de um país doente (que não valoriza suas riquezas, e por ignorância, destrói o que temos de melhor – o que resta de vida no mundo). Naquele momento a Amazônia queimava e sua fumaça chegava até São Paulo, época de muito negacionismo.

Em sua série *“Arraste”* (termo madeireiro usado para nomear a retirada de troncos da floresta depois do abate de árvores), a artista trabalhou com troncos de árvores mortas e vidro soprado que quando é encostado na madeira gera um processo de queima, deixando uma marca preta sobre eles.

CORES ALÉM DO VERDE

Segundo Mercedes Lachmann, as plantas são *“politudo”*. E assim, viraram um novo universo de pesquisas artísticas. *“A tintura guarda a alma da planta, nela*



Curare, Aço carbono, Vidro e Tintura de ervas

Foto: Reprodução / Site da artista

pulsa seu princípio ativo. Faço um paralelo entre a tintura e as estrelas que após morrerem, ainda propagam sua luz no universo por milhões e milhões de anos.”

As tinturas de plantas são protagonistas do recém criado múltiplo *“Curare”*, de cinquenta edições. A obra é composta de dois elementos: uma esfera de vidro e uma estrutura metálica que depende da primeira para se sustentar. Há uma correlação e codependência entre as partes, tal como na vida.

As esferas foram preparadas com tinturas de cinco plantas: erva-doce, urucum, arruda, alecrim ou lavanda, e quem compra o múltiplo escolhe a erva de sua preferência.

As tinturas foram os primeiros remédios preparados pelas mulheres, guardiãs de saberes e cuidados. Além de trazer a ideia do cuidado/curar feminino, as peças fazem alusão a uma substância extraída de espécies da América do Sul que é utilizada como veneno de flecha na caça, e na medicina como relaxante muscular e anestésico. O termo deriva das palavras indígenas woorari e urari.

Depois de expor no Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC-ST), na cidade do Porto, entre julho e outubro de 2023, Mercedes Lachmann leva uma seleção de trabalhos que perpassam afetos e saberes milenares na exposição "*Flecha*", que será apresentada na Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, de junho a agosto de 2025, com o apoio da DGArtes e República Portuguesa.

Na cidade cujo fundador Estácio de Sá morreu por um ferimento de flecha, a artista reconstrói narrativas trazendo o aprendizado sobre a paisagem e a necessidade de se agir para construir efetivamente um futuro coletivo. Em seu estúdio perto da Quinta da Boa Vista, sua produção lembra que por baixo de todo o asfalto que torna o bairro de São Cristóvão cinza, existem raízes e a natureza vive.

SOBRE A ARTISTA

Mercedes Lachmann é uma artista multidisciplinar, e

mora no Rio de Janeiro. Formou-se em Comunicação Visual pela PUC-RJ em 1986 e cursou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), participando de grupos de estudos de arte e filosofia e de diversas formações com artistas e curadores. Em 2018, foi indicada ao Prêmio Pipa, um dos mais importantes prêmios de artes visuais do Brasil.

Em 2020, passa a integrar o coletivo de artistas [@Bor-aGirls](#), que apoia causas em prol de mulheres em situação de vulnerabilidade por meio de ações de comunicação e arte. A artista já apresentou inúmeras exposições no Brasil e no exterior, e sua obra está presente em acervos públicos e privados. A arte de Mercedes aborda questões filosóficas e ideológicas contemporâneas, como o Ecofeminismo e a Ecologia Profunda.

Flecha, Aço carbono

Foto: Reprodução / Site da artista

